

Depois da Covid-19: um manifesto por um mundo mais saudável¹

Après-COVID-19: manifeste pour un monde en meilleure santé

Tradução: Isabella de Paiva Gonçalves do Carmo²

Revisão de tradução: Dennys Silva-Reis³

Resumo: A pandemia de COVID-19 já é considerada o acontecimento mais marcante do século. Essa crise sanitária, com seu gigantesco número de mortes e capacidade de desnudar as enormes desigualdades sociais e as mazelas dos regimes capitalistas, modificou de forma brutal e imediata o cotidiano das pessoas do mundo inteiro. Assim, as inquietações e angústias a respeito de um futuro pós-COVID são compartilhadas de forma geral por todos os indivíduos que vivenciam essa catástrofe. A partir dessas considerações, este trabalho apresenta a tradução de um manifesto elaborado pela Organização Mundial da Saúde (OMS) com o intuito de estabelecer diretrizes a serem seguidas na reestruturação social e econômica pós-COVID.

Palavras-chaves: COVID-19; pós-COVID; Tradução; OMS.

Abstract: The Coronavirus COVID-19 pandemic is already one of the most important events of this century. This sanitary crisis, with its massive number of deaths and the capacity to show the enormous social inequalities and the capitalism's ills, changed brutally and immediately the daily lives of people all around the world. The concerns and anguishes about the future post-COVID are shared by all individuals that experience this catastrophe. With these considerations, this article presents the translation of a manifesto made by the World Health Organization (WHO) with prescriptions for the post-COVID social and economic restructuring.

Keywords: COVID-19; post-COVID; Translation; World Health Organization (WHO).

Recomendações para um mundo mais saudável e mais comprometido com o meio ambiente depois da COVID-19⁴

"A pandemia nos lembra que a humanidade e o planeta possuem uma relação íntima e delicada. Todos os esforços para tornar nosso mundo um lugar mais seguro estarão condenados a fracassar se não levarem em conta a ligação crucial que existe entre o ser humano e os agentes patológicos, assim como a ameaça existencial das mudanças climáticas que deixa nosso planeta cada vez menos habitável." (Dr. Tedros Adhanom Ghebreyesus, Diretor geral da

¹ O texto utilizado como fonte para esta tradução está disponível em: <https://www.who.int/fr/news-room/feature-stories/detail/who-manifesto-for-a-healthy-recovery-from-covid-19>. Acesso em: 15 ago. 2020. Esse texto é regido por uma política de acesso aberto, conforme a Política de Acesso Aberto da OMS, disponível em: <https://www.who.int/fr/about/who-we-are/publishing-policies/open-access>. Esta tradução tem objetivos estritamente pedagógicos e científicos e não tem fins lucrativos.

² Mestranda em Literatura, Cultura e Tradução na Universidade Federal de Pelotas (UFPel). E-mail: isabellapg01@gmail.com

³ Professor adjunto de Literaturas de expressão francesa no Centro de Educação Letras e Artes (CELA), na Universidade Federal do Acre (UFAC), campus Rio Branco/AC. E-mail: reisdenneys@gmail.com / ORCID: 0000-0002-6316-9802.

⁴ N. de T. Embora não haja uma normativa oficial, nesta tradução, optou-se pela forma feminina (a COVID-19), em conformidade com o que vem sendo publicado pela Academia Brasileira de Letras, assim como pela *Académie Française*.

OMS. Discurso na Septuagésima Terceira Conferência de Saúde, 18 de maio de 2020)

Lições aprendidas com a COVID-19

A pandemia de coronavírus (COVID-19) é o maior choque sofrido pelo nosso mundo em décadas. Centenas de milhares de vidas foram perdidas e a economia mundial passa provavelmente por sua pior recessão desde os anos 1930. A perda de emprego e de renda oriunda da recessão terá repercussões negativas nos meios de subsistência, na saúde e no desenvolvimento sustentável.

As sociedades devem se proteger e se reerguer o mais rápido possível – mas não podemos continuar agindo como antes. Um número cada vez maior de doenças infecciosas, como a HIV/aids, a síndrome respiratória aguda grave (SARS) e a doença do vírus Ebola estão ultrapassando a barreira de espécies que existe entre a fauna selvagem e o ser humano – e todos os dados disponíveis permitem pensar que a COVID-19 seguiu o mesmo caminho. Quando a transmissão inter-humana da COVID-19 começou, os sistemas nacionais e internacionais de vigilância e contra-ataque não foram nem sólidos nem rápidos o suficiente para frear o contágio por completo. À medida que as infecções se propagavam, a ausência de cobertura sanitária universal deixou bilhões de pessoas, incluindo muitas em países ricos, sem acesso confiável a um tratamento médico. Devido às enormes desigualdades, as mortes e a perda dos meios de subsistir foram fortemente correlacionadas à situação socioeconômica e frequentemente agravadas pelo gênero ou a pertença a uma minoria.

Tentar economizar recursos negligenciando a proteção ambiental, a preparação para situações de urgência, as redes de proteção social e os sistemas de saúde se confirmou como uma falsa economia – e a conta é muito mais cara hoje. O mundo não pode permitir novos desastres da mesma amplitude que a COVID-19, sejam eles desencadeados pela próxima pandemia ou pelos danos ambientais e mudanças climáticas cada vez mais devastadoras. Voltar ao "normal" não é mais o suficiente.

Com a adversidade, a crise também fez surgir alguns dos melhores lados das nossas sociedades: seja a solidariedade entre vizinhos, a bravura dos profissionais da saúde e de outros trabalhadores essenciais que não têm medo de colocar em perigo sua própria saúde a fim de servir suas comunidades, ou ainda a colaboração entre países para assistência imediata ou pesquisas de tratamentos e vacinas. As medidas de confinamento que foram necessárias para a luta contra a propagação da COVID-19 frearam a atividade econômica e perturbaram as vidas

das pessoas – mas também promoveram uma visão de um futuro menos sombrio. Em certos ambientes, os níveis de poluição caíram de maneira tão drástica que os habitantes puderam respirar ar puro, admirar o azul do céu e a claridade das águas dos rios, ou ainda passear de bicicleta de forma segura com as crianças pela primeira vez na vida. O uso das tecnologias virtuais acelerou com força a implantação de novas formas de trabalho e de interação uns com os outros que permitem reduzir o tempo de deslocamento ao trabalho, estudar de maneira mais flexível, realizar consultas médicas à distância e passar mais tempo com a família. As pesquisas de opinião do mundo inteiro mostram que as pessoas querem proteger o meio ambiente e preservar, à medida que nos reerguemos dessa crise, as adaptações positivas que ela gerou.

Atualmente, os governos nacionais destinam bilhões de dólares, no espaço de algumas semanas, para se manter à tona e depois reiniciar a atividade econômica. Esses investimentos são essenciais para proteger os meios de subsistência das populações e, por consequência, sua saúde também. Entretanto, o destino desses investimentos e as decisões políticas que guiarão a recuperação, a curto e a longo prazo, têm o poder de definir nosso modo de vida e nosso jeito de trabalhar e de consumir pelos próximos anos. Isso é especialmente importante no que se refere aos efeitos da degradação no meio ambiente e da poluição, em particular, as emissões de gás do efeito estufa que estão na origem do aquecimento global e da crise climática.

As decisões que serão tomadas nos próximos meses tanto podem solidificar esquemas de desenvolvimento econômico que causarão danos permanentes e crescentes aos ecossistemas sobre os quais repousam inteiramente a saúde e os meios de subsistência da humanidade, quanto podem, se tomadas de forma inteligente, promover um mundo mais saudável, mais igualitário e mais comprometido com o meio ambiente.

Recomendações para um mundo mais saudável e mais comprometido com o meio ambiente

1) Proteger e preservar a fonte da saúde humana: a natureza

As economias são o produto de sociedades humanas sãs, que por sua vez, dependem do meio ambiente – fonte de ar puro, de água e de alimento como um todo. As pressões exercidas pelo ser humano, como o desmatamento e as práticas agrícolas intensivas e poluentes, ou ainda a gestão perigosa e o consumo da fauna selvagem, destroem esses recursos oferecidos pela natureza. Tais atividades aumentam também o risco de doenças infecciosas emergentes no ser humano – dentre as quais mais de 60% provêm de origem animal, essencialmente de animais

selvagens. Os planos globais para a recuperação pós-COVID-19, em particular os planos para reduzir os riscos de epidemias futuras, precisam ir além da detecção precoce e da contenção de surtos de novas doenças. Eles devem também reduzir nosso impacto no meio ambiente de modo a reduzir o risco na sua origem.

2) Investir em serviços essenciais, desde água e saneamento básico até meios de energia não poluentes nos centros de saúde

No mundo inteiro, bilhões de pessoas não têm acesso aos serviços mais essenciais que são indispensáveis à proteção da saúde, seja contra a COVID-19 ou outras doenças. Os materiais necessários para a limpeza das mãos são indispensáveis para a prevenção de doenças infecciosas, mas são inexistentes em 40% dos lares⁵. Patógenos resistentes a antimicrobianos são largamente encontrados na água e nos dejetos, e a gestão racional desses patógenos é necessária para evitar que eles se propaguem novamente entre os humanos. Em particular, é essencial que os centros de saúde sejam equipados com serviços básicos de água e saneamento, especialmente água e sabão, os quais são a primeira medida para interromper a transmissão da SARS-CoV-2, assim como de outras infecções. Também é importante que esses centros disponham de acesso a uma fonte de energia confiável, indispensável para realizar a maioria das cirurgias com segurança, e que os profissionais da saúde possam ser beneficiados com seguro profissional.

Ao todo, os riscos ambientais e profissionais evitáveis causam cerca de um quarto das mortes em todo o mundo. Os investimentos em ambientes mais saudáveis para assegurar a proteção à saúde, ajudar a regulamentação ambiental e garantir que os sistemas de saúde resistam às mudanças climáticas são salva-vidas essenciais contra futuras catástrofes, além de oferecerem também alguns dos melhores retornos de investimento para a sociedade. Por exemplo, estima-se que cada dólar investido no aprimoramento da Lei contra a poluição do ar nos Estados Unidos da América equivale a 30 dólares ganhos pelos cidadãos americanos sob a forma de uma melhora na qualidade do ar e da saúde.⁶

⁵ Dado divulgado no relatório *Benefits and Costs of the Clean Air Act 1990 – 2020*, disponível em: <https://www.epa.gov/clean-air-act-overview/benefits-and-costs-clean-air-act-1990-2020-report-documents-and-graphics>. Acesso em: 15 ago. 2020.

⁶ Dado divulgado no relatório *Benefits and Costs of the Clean Air Act 1990 – 2020*, disponível em: <https://www.epa.gov/clean-air-act-overview/benefits-and-costs-clean-air-act-1990-2020-report-documents-and-graphics>. Acesso: 15 ago. 2020.

3) Garantir uma rápida transição energética com proveito em saúde

Atualmente, mais de sete milhões de pessoas morrem a cada ano devido à exposição à poluição do ar – ou seja, uma a cada oito mortes. Mais de 90% das pessoas respiram ar externo com níveis de poluição que excedem os valores de referência estabelecidos nas diretrizes da OMS sobre qualidade do ar.⁷ Dois terços dessa exposição à poluição exterior se devem à combustão dos mesmos combustíveis fósseis que causam as mudanças climáticas.

Enquanto isso, o armazenamento e as fontes de energia renovável continuam a ver seus preços baixarem e sua confiabilidade aumentar, continuam também a promover a criação de empregos mais numerosos, mais seguros e melhor remunerados. As decisões relativas à infraestrutura energética que são tomadas hoje repercutirão pelas próximas décadas. Levar em conta a totalidade das consequências econômicas e sociais e tomar decisões privilegiando a saúde pública permitirá favorecer as fontes de energia renovável, construindo ecossistemas menos poluídos e gerando cidadãos mais saudáveis.

Vários países dentre aqueles que sofreram primeiro e mais duramente com a COVID-19, como a Itália e a Espanha, e aqueles que lutaram com mais sucesso contra a doença, como a Coreia do Sul e a Nova Zelândia, colocaram o desenvolvimento verde e a saúde no centro de suas estratégias de reconstrução após a crise da COVID-19. Uma transição mundial rápida em favor das energias verdes permitiria não somente cumprir o objetivo do Acordo de Paris sobre as mudanças climáticas (que é de manter o aquecimento global abaixo de 2° C), mas também melhorar a qualidade do ar de tal maneira que os benefícios para a saúde seriam duas vezes superiores ao investimento aplicado.

4) Promover sistemas alimentares saudáveis e duráveis

As doenças causadas tanto pela falta de acesso à alimentação quanto por regimes alimentares pouco saudáveis e altos em teor calórico são atualmente a principal causa dos problemas de saúde da população mundial. Tais doenças são, também, um fator que aumenta a vulnerabilidade a outros riscos – obesidade e diabetes, por exemplo, figuram entre os principais fatores de risco de morbidade e de mortalidade de pacientes com COVID-19.

A agricultura, em particular o desmatamento de terras para a criação de gado, é responsável, em média, por um quarto das emissões de gás do efeito estufa. A mudança no uso

⁷ Disponível em: [https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/ambient-\(outdoor\)-air-quality-and-health](https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/ambient-(outdoor)-air-quality-and-health). Acesso: 15 ago. 2020.

da terra é o fator ambiental mais importante no que diz respeito à emergência do surto de novas doenças. É necessário e urgente que regimes alimentares mais saudáveis, nutritivos e duráveis sejam adotados. Se o mundo fosse capaz de atender as diretrizes da OMS sobre alimentação, milhões de vidas seriam salvas, os riscos de doenças diminuiriam, e grandes reduções nas emissões de gás do efeito estufa seriam alcançadas.

5) Construir cidades saudáveis e habitáveis

Atualmente, mais da metade da população mundial vive em cidades, as quais representam mais de 60% da atividade econômica e da emissão de gás do efeito estufa. As cidades são caracterizadas por uma densidade populacional elevada e um tráfego saturado, por esse motivo muitos deslocamentos podem ser feitos de forma mais eficaz com o uso dos transportes públicos, bicicletas, ou mesmo a pé, em vez de automóveis individuais. Esses meios de transporte também são benéficos para a saúde, uma vez que estão ligados à redução da poluição atmosférica, de ferimentos causados por acidentes de trânsito e da mortalidade ligada ao sedentarismo (responsável por mais de três milhões de mortes anuais).

Muitas das maiores e mais dinâmicas cidades do mundo, como Milão, Paris e Londres, reagiram à crise da COVID-19 adequando as ruas aos pedestres e multiplicando massivamente as ciclovias — permitindo, dessa forma, deslocamentos que respeitam o distanciamento social durante a crise, assim como uma retomada da atividade econômica e uma melhora da qualidade de vida também após a crise.

6) Parar de usar o dinheiro do contribuinte para financiar a poluição

Os danos econômicos provocados pela COVID-19 e as medidas necessárias de luta contra a doença são reais e pressionarão as finanças públicas. Reformas financeiras serão inevitáveis para a recuperação da crise causada pela COVID-19 e seria sensato começar pelo fim do subsídio de combustíveis fósseis.

Em escala mundial, a cada ano são em média 400 milhões de dólares⁸ provenientes de impostos que servem diretamente ao subsídio de combustíveis fósseis. Estes provocam as mudanças climáticas e são responsáveis pela poluição do ar. Além disso, os custos privados e sociais, provenientes dos efeitos dessa poluição na saúde, geralmente não se refletem no preço

⁸ Dado divulgado no estudo *Energy Subsidies – Tracking the impact of fossil-fuel subsidies*, disponível em: <https://www.iea.org/topics/energy-subsidies>. Acesso em: 15 ago. 2020.

dos combustíveis e energia. Se levarmos em conta os danos sanitários e ambientais que esses combustíveis fósseis causam, o valor real de subsídios aumenta para mais de cinco trilhões de dólares — o que é mais que o total de despesas públicas com saúde no mundo e mais ou menos duas mil vezes o orçamento da OMS.

Fazer com que o preço desses combustíveis poluentes reflita os danos que eles causam na saúde permitiria reduzir em mais da metade o número de mortes ligadas à poluição do ar, diminuir em mais de um quarto as emissões de gás do efeito estufa e recolher rendimentos equivalentes a mais ou menos 4% do PIB mundial. Nós devemos parar de pagar a conta da poluição com os nossos impostos e com a nossa saúde.

Um movimento mundial pela saúde e meio ambiente

A crise causada pela COVID-19 mostrou que os cidadãos suportarão políticas difíceis se a tomada de decisão for transparente, baseada nos dados factuais, não excluir ninguém e tiver o objetivo claro de proteger a saúde, a família e os meios de subsistência – em vez de servir a interesses particulares.

A concepção das políticas deve ser baseada nessa constatação. Na maior parte dos países, os ministros da economia estarão a postos para definir medidas que acompanharão a retomada econômica pós-COVID-19. Considerando a ligação estreita entre o meio ambiente, a saúde e a economia, é igualmente importante que os dirigentes da área da saúde, ministros e secretários participem diretamente desse processo, prestando informações sobre as repercussões que podem haver a curto e a longo prazo na saúde pública e dando seu sinal verde.

Além disso, é fundamental lembrar que a proteção da vida, dos meios de subsistência e do meio ambiente dependem do apoio das pessoas. As políticas que não se preocupam somente em elevar ao máximo o PIB, mas também em proteger e melhorar o estado de bem-estar e os governos que lutam contra as mudanças climáticas e contra a destruição do meio ambiente com a mesma seriedade com que lutam, hoje, contra a COVID-19 possuem um grande apoio popular. Um exemplo disso são os milhares de jovens que se mobilizaram para exigir medidas não só em relação às questões climáticas e à biodiversidade, mas também para reivindicar o direito a um ar não poluído e a um futuro em um planeta habitável.

A área da saúde é uma aliada cada vez mais importante para atingir esse objetivo. Os trabalhadores da saúde são os profissionais que mais inspiram confiança no mundo. Competência, devotamento, coragem e compaixão salvaram um número incalculável de vidas ao longo dessa crise da COVID-19 – levando o respeito à profissão a níveis ainda mais elevados

nas suas comunidades. Os profissionais da saúde do mundo inteiro mostraram que também são defensores fervorosos da proteção ao meio ambiente – consequentemente também da saúde das pessoas para as quais trabalham. Eles estão dispostos a lutar por sociedades mais ecológicas, saudáveis e prósperas para o futuro, como demonstrado pela recente carta aberta aos líderes do G20⁹, na qual os profissionais da saúde do mundo inteiro pedem por um mundo mais saudável depois da COVID-19.

⁹ Disponível em: <https://healthyrecovery.net/>. Acesso em: 15 ago. 2020.